

19

VERISSIMO DE DORTMUND

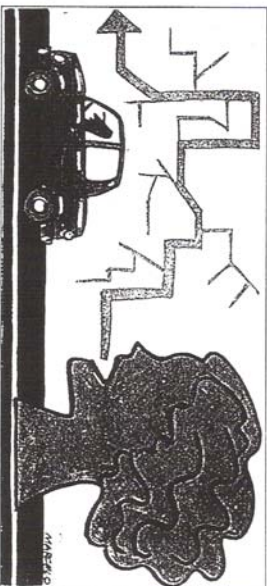


A saída da 'rotunda'

A graciosa voz feminina (alguns preferem uma espanhola, outros uma portuguesa que chama rotatória de "rotunda") nos diz onde virar, quanto falta para o destino e, se erramos o caminho, em vez de gritar "Errou, paspalho!" sugere, sutilmente, "Quando possível, dê a volta." Além de tudo é uma mágica bem educada

Pronto. A sensação da Copa também caiu na mediocridade geral. Argentina e Holanda fizeram um mau jogo que terminou com a merecida derrota dos dois por zero a zero. Há um certo consolo neste resultado do que prometeia ser um dos melhores jogos da primeira fase. Partindo todos da mediocridade, aumentam as chances do Brasil.

Sempre digo que ainda não entendo bem como funciona torneira, de sorte que qualquer mecanismo mais complicado, do liquidificador ao robô teleguiado em Marte, pra mim é mágica. E é claro que não tento entender como o sistema de navegação por satélite, hoje comum em carros na Europa, não só sabe e mostra numa tela onde você está o tempo todo, e para onde tem que ir, como lhe fala isto — na língua que você escolher: Temos usado muito o sistema nas nossas andanças pelas estradas alemãs atrás da seleção. Sem ele estaríamos, provavelmente, perdidos. A graciosa voz latina (alguns preferem uma espanhola, outros uma portuguesa que chama rotatória de "rotunda") nos diz onde virar, quanto falta para o destino e, se erramos o caminho, em vez de gritar "Errou, paspalho!" sugere, si-



lmente, "Quando possível, dê a volta." Além de tudo é uma mágica bem educada.

Otitem a gentili portuguesa nos guiou até o estádio de Dortmund, onde a seleção fez um treino recreativo e depois o Pareira deu uma entrevista e declarou que só revelaria a escalação do time no vestiário antes do jogo.

As especulações sobre quem joga e quem será poupado (inclusive em função dos cartões amarelos) ganharam mais algumas horas de vida, portanto. Ouvindo o Pareira

falar do que vem agora, as temíveis entrevistas assustadoras quartas e as terríveis sentenças, fiquei pensando que a partir do fim desta fase classificatória os times classificados estarão soltos em estradas desconhecidas sem sistema de navegação e sem qualquer possibilidade de corrigir o mal feito. A partir de agora o único caminho para quem perder é o de casa e não há portuguesa que ajude.

A partir de agora quem errar a saída da "rotunda" não tem volta.

20

'Tchê, Willem'

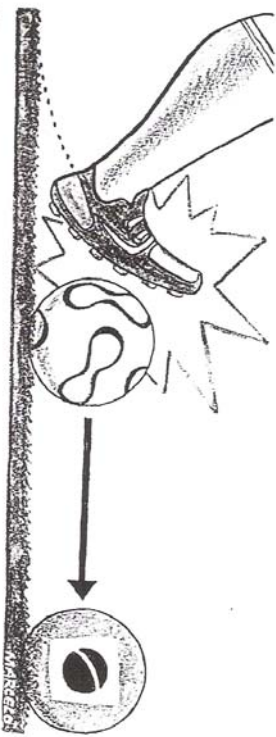
VERISSIMO DE DORTMUND



Todo preconceito de Ronaldo corre o risco de ser desmoralizado em dois ou três lances. Você acha que ele está sendo expulso do mundo dos notáveis e é enganado

A televisão mostrou o Maradona saindo do seu lugar na tribuna durante o jogo Argentina e Holanda cercado por três entalotados. Prenderam o homem, foi a primeira reação, imagine, de todos que viram a cena. Alguma ele teria apontado na Alemanha, ou então a prisão se deveria ao conjunto de seus vícios e suas trapalhadas internacionais. Ele estaria sendo levado para o aeroporto e para a deportação imediata. Mas não. Viu-se depois que eram seguranças acompanhando Maradona para um encontro com membros da família real holandesa. Um encontro de realidades. Mais uma prova de como não se deve contar em primeiras impressões, como os preconceitos prejudicam o julgamento e como por mais baixo que você chegue há sempre a possibilidade de de um dia se já foi dado como acabado, ficou grotescamente gordo, fez tratamento para tudo, e se se curou ou não o fato é que parece saudável e feliz. Torcendo para o seu time com entusiasmo e aproveitando sua atual condição de celebridade acima de qualquer pecado.

■ ■ ■ ■ ■
Nenhuma alusão a Ronaldo, que também engordou, teve problemas particulares, foi considerado líquido e esteve por baixo — mais de uma vez. E, mais de uma vez, superou suas



aguras, se recuperou e desmentiu todas as impressões precoces do seu fim. Na Copa de 2002 já tinham dado o Ronaldo como acabado. Ele fez os gols que deram a vitória ao Brasil. Aqui, ele começou muito mal e se ontem não se recuperou completamente — esteve menos parado do que das outras vezes, mas ainda parado — fez o que se pede dele. Gols. Os dois com a marca do velho vigor. E perdeu por pouco de fazer o gol mais bonito da noite, chutando para fora aquela bola doce que o Ronaldinho lhe deu de calcanhar. A única comparação com o Maradona é esta: todo preconceito de Ronaldo corre o risco de ser desmoralizado em dois ou três lances. Você acha que ele está sendo

expulso do mundo dos notáveis e é enganado. Ele está sendo levado para cumprimentar o Willem Alexander e sua mulher.

■ ■ ■ ■ ■
Gilberto Silva esteve ótimo, Gilberto, Cícinho e Robinho trouxeram a electricidade que estava faltando ao time, só aquele gol já justificou o Juninho... Quer dizer, o Pareira criou um grande problema para si mesmo. Como escalar outro time sem parecer um retrocesso?

■ ■ ■ ■ ■
Dizem que o Maradona deu um abraço no príncipe e falou "Tchê, Willem, como estás?"

21

O óbvio até agora

O futebol também está previsível. A não ser por alguns aventureiros argentinos, raramente se vê ataques tramados pelo meio, com a bola no chão, tornados inviváveis pela densidade demográfica das defesas

V E R I S S I M O
DE DORTMUND



MARCELO

Acho que os jornalistas brasileiros que cobrem a Copa deveriam firmar um pacto: ou fazem todos os trocadilhos possíveis com Gana agora, e liquidarem o assunto, ou não fazem nenhum. Eu pretendo me conter.

◆◆◆◆◆
Nenhum grande vexame, nenhuma grande surpresa — está sendo uma Copa lógica. A própria Gana cumpre um papel tradicional em Copas, o do país africano que surpreende, engana (desculpe) ou não e geralmente só vai longe o suficiente para festejar em casa. Ou então a falta de qualquer zebra até agora seria o prenúncio de uma grande zebra por vir, a vitória de Gana sobre o Brasil, em katastrof monumental, um... Mas não. Acho que nos encaminhamos para uma final perfeitamente pre-

visível. Só não me peçam para fazer a previsão.

◆◆◆◆◆
Alguns pequenos surpresas, como o Equador e a Austrália, e alguns semi-falhos. A França estava custando a voltar à Terra depois da sua vitória em 98. Ganhou ontem, se classificou em segundo no seu grupo, pode crescer, mas ainda está devendo futebol. E a República Tcheca não corresponde à propaganda que a precedeu. Além, como o Brasil. No mais, ninguém que apostou no óbvio, em cada chave classificatória, errou.

◆◆◆◆◆
Não vi todos os jogos até agora mas vi a maioria. Alemanha, Argentina, Espanha e o Brasil do terceiro jogo foram os times que se destacaram da mediocridade, pontilhada de

poucas brilhos individuais, que se viu. Melhores momentos: a Argentina nos seis a zero, a Espanha, a Suécia quando decidiu amassar a Inglaterra, o Brasil quando deu certo.

◆◆◆◆◆
O futebol também está previsível. A não ser por alguns aventureiros argentinos, raramente se vê ataques tramados pelo meio, com a bola no chão, tornados inviváveis pela densidade demográfica das defesas. Está todo o mundo recorrendo à bola levantada na área, e viva a Inglaterra.

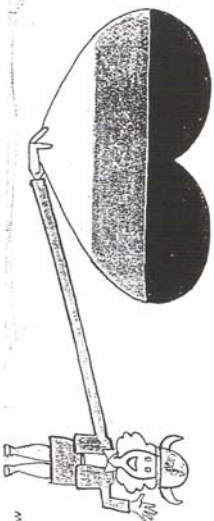
◆◆◆◆◆
Alemanha, Equador, Inglaterra, Suécia, Argentina, Holanda, Portugal, México, Itália, Gana, Brasil, Austrália, França e Suíça. O futebol, afinal, tem lógica. Enquanto dura.

22

Para fazer amigos

Se depender do tratamento que temos recebido, o slogan da Copa se cumprirá. Todos são simpáticos e se esforçam para vencer o maior obstáculo para o entendimento entre os povos, a língua, a velha dancção de Babel

VERISSIMO
DE BERGISH GLADBACH



Esta é a Copa para fazer amigos, diz a propaganda oficial dos organizadores alemães. Um slogan escolhido não por acaso.

É impossível pensar, ou estar, na Alemanha sem evocar política e história o tempo todo. A Copa de 1974 foi num país dividido, em que a vitória da Alemanha Ocidental, em termos promocionais, significou muito mais do que um triunfo esportivo. Esta é num país em processo de unificação, que politicamente já aconteceu há tempo mas psicológica e economicamente ainda é um desafio. Uma vitória nesta

Copa seria a segunda grande conquista internacional da Alemanha toda depois da Copa da Itália, um reforço para sua auto-imagem com óbvio proveito político para o governo. Além de problemas de identidade, o país tem que lidar com o seu peso dentro da comunidade europeia.

Se depender do tratamento que temos recebido, o slogan da Copa se cumprirá. Todos são simpáticos e se esforçam para vencer o maior obstáculo para o entendimento entre os povos, a língua, a velha dancção de Babel. Dizem que Deus criou o alemão por último, com todos os sons que tinham sobrevivido das outras línguas. Mas sei: O fato é que nos entendemos, com gestos, com o inglês e com a linguagem internacional da boa vontade. Estamos entre amigos.

Marcelo

E há, também, a presença constante do passado, às vezes inconscientemente, em toda avaliação que se faz da Alemanha, mesmo as mais ríspidas. Problemas: com imigrantes e minorias têm provocado surtos de xenofobia e violência racial, e se o ne nazismo assusta em qualquer parte do mundo, na Alemanha, obviamente, o surto é maior. Tenase com a Alemanha a mesma preocupação que desperta aquele amigo tentando se curar: qualquer sugestão de recida causa pânico. A Alemanha também precisa de amigos que acreditem na sua reabilitação completa.

Se depender do tratamento que temos recebido, o slogan da Copa se cumprirá. Todos são simpáticos e se esforçam para vencer o maior obstáculo para o entendimento entre os povos, a língua, a velha dancção de Babel. Dizem que Deus criou o alemão por último, com todos os sons que tinham sobrevivido das outras línguas. Mas sei: O fato é que nos entendemos, com gestos, com o inglês e com a linguagem internacional da boa vontade. Estamos entre amigos.

23

A décima-primeira

Não deixa de ser intrigante que enquanto o futebol transnacional se sofisticava as torcidas recuperem a forma mais primitiva de identificação tribal. Seria bom pensar que se trata de uma reação instintiva do nacionalismo à globalização. Mas não é mais do que uma moda. E uma curiosidade

VERISSIMO DE LEVERKUSEN

A épica vitória de ontem sobre a Holanda foi a décima-primeira seguida do Felipão em Copas do Mundo, se com o Brasil em 2002, quatro com Portugal aqui. O Equador deu o mesmo trabalho à Inglaterra que o México deu à Argentina, mas Bechtam resolveu tudo. Victoria pode abraçar seus filhos na plateia e dizer "Papai ganhou, papai ganhou!" e os ingleses, sem ainda convencer muito, podem continuar na Alemanha. Agora pegam o Felipão.

O futebol atual é um exemplo de globalização que deu certo. Não é apenas o fato de estar-se jogando a mesma bola em toda parte e não existirem mais primitivos e indígenas no futebol. Os grandes clubes com jogadores do mundo inteiro também são como as grandes multinacionais em seu universo sem fronteiras, buscando mão-de-obra onde melhor lhes convém. Os jogadores amam suas pátrias e morrem pelas suas cores mas são fiéis às suas carreiras internacionais, aos seus clubes e aos seus países — quando não às grades que os prendem — antes de mais nada. Mas o curioso, como se vê aqui, é que quanto mais globalizado fica o mundo dos grandes clubes e dos grandes jogadores, mais tribalizando fica o mundo dos torcedores. A grande moda desta



Copa, muito mais do que em outros anos, é a das torcidas com as caras pintadas, quando não o corpo todo, coberto com o que só pode ser chamado de pintura de guerra. E tudo feito no espírito de fãra, claro, uma maneira de participar da disputa sem entrar em campo, mas não deixa de ser intrigante que enquanto o futebol transnacional se sofisticava as torcidas recuperem a forma mais primitiva de identificação tribal. Seria bom pensar que se trata de uma reação instintiva do nacionalismo à globalização. Mas não é mais do que uma moda. E uma curiosidade.

Felizmente, as maiores ameaças previstas

para esta Copa — homônios bonitos e ingleses bábados — não se confirmaram. Os ingleses (e os alemães, e os holandeses, e todo o mundo) estão bebendo muito, é verdade, e é mesmo difícil imaginar que em algum outro momento na história do mundo tanta gente tenha consumido tanta cerveja em tão pouco tempo como nesta Copa. Os torcedores ingleses incomodam, como sempre, e as batalhas de rua se repetem, mas ainda não aconteceram nenhuma tragédia. E os tentos terroristas não apareceram. Como vendem mais cerveja em garras do que em lata por aqui, o maior perigo para todos tem sido os carros de vidro no chão. O que, comparado com o que poderia ter sido, não deixa de ser um alívio.

24

Técnicos

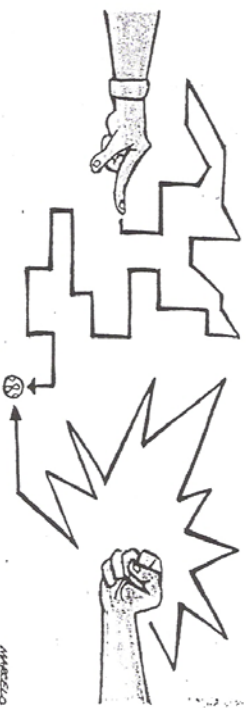
VERISSIMO DE LEVERKUSEN



Enquanto isto, apesar da sua seleção ter começado bem e já estar nas quartas-de-final, os alemães ainda se perguntam se o técnico Jürgen Klinsmann — que mora na beira do Oceano Pacífico, muito longe da Alemanha — não tem se mostrado californiano demais, seja isso o que for. No caso, preferiam alguém mais nórdico. Vá entender

Basta comparar o comportamento do técnico sueco do time inglês, Eriksson, com o do time português durante um jogo para saber o que estava na cabeça dos ingleses quando convidaram o Felipão para treinar sua seleção. O jogo Portugal e Holanda, que repetiu dentro do campo as batalhas que torcedores ingleses e alemães vêm mantendo fora (só não se atraram cadeiras) transformaria qualquer um na beira do campo num agitado Felipão? Não transformou o von Basten, técnico da Holanda, que se manteve nórdico até o fim. O que os ingleses queriam com o "Big Phil" era alguém decididamente pouco nórdico. Alguém que ganha jogos com empolgação e grita tanto quanto com o futebol. Eriksson e Felipão se enfrentarão nesta sexta-feira. Não será exatamente o confronto de duas escolas de futebol, mas o de duas personalidades. A Inglaterra tem mais time do que Portugal — inclusive porque sobrou pouco Portugal depois da guerra contra a Holanda. Mas do jeito que vai, qualquer previsão sobre a capacidade de superação do Felipão seria uma temeridade. O homem é capaz de tudo.

Enquanto isto, apesar da sua seleção ter



começado bem e já estar nas quartas-de-final, os alemães ainda se perguntam se o técnico Jürgen Klinsmann — que mora na beira do Oceano Pacífico, muito longe da Alemanha — não tem se mostrado californiano demais, seja isso o que for. No caso, preferiam alguém mais nórdico. Vá entender.

A televisão alemã entrevistou torcedores italianos em Roma depois da difícil, e imprecisa, vitória de ontem sobre a Austrália e o refrão que se ouvia era: "Itália in finale con Toti titolare". Também não estão entendendo o técnico deles. Toti entrou no time italiano quase no fim do jogo e trouxe a

qualidade que tinha faltado até então. Com Toti a Itália passou de lamentável a mais ou menos. E num campeonato que tem se caracterizado por decisões no finzinho, a Itália conseguiu o máximo: uma decisão no finzinho — com um pênalti! Que, na minha opinião, não houve.

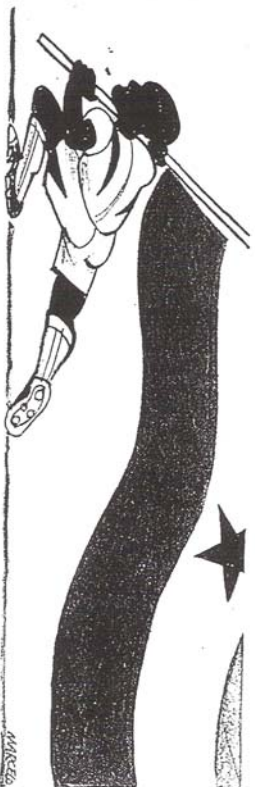
E Ucrânia e Suíça chegaram a uma espécie de apoteose de ruindade. Os dois mereciam ser mandados para casa. Pelo menos, com a Ucrânia, ficou o Chechenko, que ainda não mostrou nada do seu futebol, mas terá no mínimo mais uma oportunidade, contra a Itália, para aparecer.

25

Gana honrou

Appiah, capitão e melhor jogador de Gana, deu quase uma aula de como deve jogar um número dez moderno. Foi para o seu time o que o Ronaldinho Gaúcho ainda não conseguiu ser para o Brasil

VERISSIMO DE DORTMUND



O futebol deste Mundial tem sido muito ruim. Seleções nacionais representam isto mesmo, escolhas, a convocação dos melhores jogadores de cada país. Vendo tanto passe errado e tanto chute torto a gente se pergunta: se isso é o melhor que eles têm, como não serão os outros? Os jogadores deveriam pensar nisso, em como o seu vexame reñe nos que ficarão em casa. Nos não-selecionados, nos seus inferiores. Deveriam caprichar por consideração aos que ficam teoricamente piores a cada má atuação de um melhor. Por uma questão de simples humanidade: é verdade que ninguém espera ver futebol espetaculoso numa Copa do Mundo. Numa Copa as coisas se concentram, a emoção domina e todo lance parece, e muitas vezes é, definitivo. Fica difícil jogar bonito quando uma brilhaçura pode custar uma classificação. Mas podese jogar bem — ou pelo menos acertar passes e chutes — sem jogar bonito. A eficiência, mesmo tosca, tem a sua

própria beleza. Basta aos jogadores, a cada passe ou chute, se lembrarem dos seus conterrâneos.

■ ■ ■ ■ ■

Tudo isso para dizer que os jogadores de Gana honraram todos os jogadores de futebol do seu país e várias camadas de antepassados com sua participação nesta Copa. Contra o Brasil erraram muitos chutes a gol, é certo, mas acertaram o bastante para tornar Dida um dos

destaques do jogo. Ficaram mais tempo com a bola, atacaram mais e o que é mais importante — e mais raro, considerando-se os jogos até agora — fizeram uma boa e movimentada partida de futebol. E é bom lembrar que em pelo menos um gol do Brasil o bandeirinha, que não sei de que pátria é, ajudou a nossa.

■ ■ ■ ■ ■

Appiah, capitão e melhor jogador

de Gana, deu quase uma aula de como deve jogar um número dez moderno. Foi para o seu time o que o Ronaldinho Gaúcho ainda não conseguiu ser para o Brasil. Tanto que ontem, talvez porque o contraste estava, sendo evidente demais, o Ronaldinho Gaúcho foi destituído das suas funções no meio da partida.

Appiah, mais do que os outros jogadores do seu time, merece a gratidão de todos os seus colegas em casa.

26

Uma França

Uma maneira de dizer que a República compungida cuidaria do seu caso mas também insistiria na lealdade exclusiva. Em países como a Inglaterra optou-se pela integração, ou pela integração possível, sem exigir muitos sacrifícios de identidades culturais. Não tem falhado gente para dizer que o modelo francês piou

VERISSIMO DE FRANKFURT



O jogador Thuram parecia ser o mais pontilhado da seleção francesa. Me lembro de ter visto um programa de bom-humorada escatologia da seleção segundo Sarkozy, o ministro do Interior que queria deportar os filhos de imigrantes presos em manifestações na periferia de Paris e fazia declarações duras contra o que chamou de "la racaille", a raça, dos banheiros em revolta. O hipotético time do Sarkozy seria só de dois brancos, o Barthez no gol e um outro na frente. Sem muitas chances na Copa do Mundo, portanto. O Barthez não estava cotado para ser o titular, na época, mas seu substituto manteria a proporção entre brancos e negros, como Thuram, e mergulharia na seleção azul. Thuram foi nomeado capitão no programa. Já o lado de que Sarkozy tem apoio da maioria dos franceses. Outro lado do apoio da maioria francesa, com sua ostensiva minoria branca, representa um país que não existe. Era curioso ver franceses e alemães jogando no Stade de France, que fica quase no meio de uma das áreas mais conturbadas dos arredores de Paris, no ano passado. Lá dentro torcia-se contra os brancos pelo que era, para todos os efeitos, pelo menos visuais, a seleção do inimigo que assistiva à fora.



A discussão na Europa depois das experiências dos banheiros tem sido em grande parte semelhante: a diferença entre integração possível e assimilação, e o que funciona melhor. A França se propõe a assimilar suas minorias multiculturais e trata-se de proibir suas mentiras mitchinianas nas escolas. Trata-se de impor os valores e os costumes da maioria — não os usar um tanto bem franceses de uma civilização — em toca dos benefícios da cidadania. Na mesma época da entrevista de Thuram o Chirac chamou os jovens dos banheiros, incluindo, presumivelmente, a "racaille" amecada por Sarkozy, de filhas e filhos da República. Uma maneira de dizer que a República compungida cuidaria do seu caso mas também insistiria na lealdade exclusiva. Em países como a Inglaterra optou-se pela integração, ou pela integração possível, sem exigir muitos sacrifícios de identidades culturais. Não tem falhado gente para dizer que o modelo francês piou.

Quando o jogador francês piou, jogadores, na sua grande maioria, não tinham estado vestindo a camisa de uma França. Só não se sabe exatamente qual.

27

A raça dos dez

Empunham a lança e só de vez em quando — chutando de longe, com bola parada como Beckham no último jogo da Inglaterra, ou numa visita de surpresa à área como Zidane no último jogo da França — fazendo o que era a vocação natural dos pontas de lança, nos primórdios da raça. Gols.

VERISSIMO DE FRANKFURT

Non todos que pertencem à raça dos dez jogam com a mesma técnica, com a seta. O dez da Alemanha, Riquelme me lembrou, acho que é com a seta. Não é o número da camiseta que distingue a raça dos dez, é a função. Mas a função mudou com a evolução — alguns diriam a involução — do futebol.



No tempo do dez prototípico, modelo da raça, Pelé, a função tinha um nome que a definiu. Ponta de lança. O Pelé do Santos que entrava na área fazendo tabelinha (outra arte perdida do futebol) com o Coutinho era um "ponta de lança". Foi o próprio Pelé, na seleção vitoriosa de 70, quem institucionalizou a mudança de característica dos dez. Ele fez muita jogada aguda de área naquela Copa, algumas memoráveis, e a tarefa convencional de "distribuir" o jogo era de Gérson e Rivelino, mas Pelé também jogou atrás, comandando a retomada da bola e encaminhando o contra-ataque. Era um ser híbrido, um transifóro, metade lança e metade lançador. E inaugurou a raça atual.

Entre os seus seguidores, houve os que continuaram sendo pontas de lança — o Zico, por exemplo — e os que abdicaram do título e foram usar seu talento como centralizadores e distribuidores no meio, só aparecendo na grande área quando a saudade era irresistível. Hoje Beckham, Ballack, Riquelme, Zidane, o Alpha de Gana, etc. estão todos atrás, escolhendo os caminhos do ataque e o municionando com lançamentos. Empunham a lança e só de vez em quando — chutando de longe, com bola parada como Beckham no último jogo da Inglaterra, ou numa visita de surpresa à área como Zidane no último jogo da França — fazendo o que era a vocação natural dos pontas de lança, nos primórdios da raça. Gols.

O que nos trás ao Ronaldinho Gaúcho. Num recente e simpático encontro com o Parreira, durante o qual a Cora Ronal ficou sabendo mais sobre a lei do impedimento do que, aparentemente, a maioria dos handerlinhas desta Copa, perguntei se o Ronaldinho não estava tentando suas conhecidas estocadas área adentro por determinação tática ou por outro tipo de habilidade. Parreira disse que Ronaldinho estava livre para fazer o que quisesse. Mas também falou, em outro contexto, sobre jogar com responsabilidade e jogar com irresponsabilidade. Talvez Ronaldinho esteja competido demais das suas responsabilidades como dez, sendo atualmente o membro mais notório da raça, e esquecendo seus outros talentos. De qualquer forma, agora é a hora de se desinibir.

28

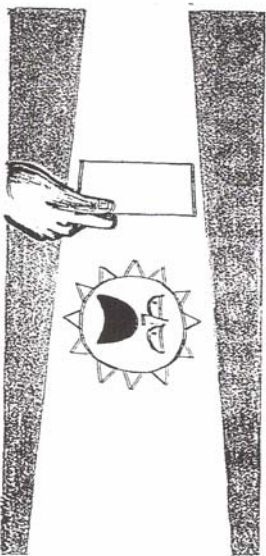
Lubos Michel não mudou minha vida

Itália e Ucrânia só serviu para confirmar que o italiano Fabio Cannavaro é o melhor zagueiro da Copa, junto com o Juan. Agora a Alemanha pega a Itália e nós pegamos o vencedor de Inglaterra e Portugal. Falta o detalhe de derrotar a França, certo. O futebol é um jogo de detalhes. Mas acho que dá

VERÍSSIMO DE FRANKFURT



É pouco provável que o sr. Lubos Michel e eu nos encontremos algum dia. Sei pouca coisa a seu respeito. Foi o juiz do jogo Brasil e Gana e ontem apitou Alemanha e Argentina, parece que é estovaco. Ele, claro, não sabe que eu existo. É nunca saberá com quem se vai ter uma pessoa importante em minha vida. Num segundo, Lubos Michel poderia ter mudado minha opinião sobre a espécie humana e estabelecido minha fé no futuro do mundo. Um segundo. Era o tempo que levava para ele dar aquele penalti no Rodríguez que possivelmente liquidaria o jogo em favor da Argentina. Lubos Michel talvez sacrificasse sua carreira aplaudindo o penalti, mas daria uma prova inspiradora de isenção e coragem. Um certo secundário do seu gesto desdenhado seria o de converter muitos desiludidos como eu que ainda é possível acreditar na humanidade. Ele viraria um pára na Alemanha, além de poder concorrer à presidência da Argentina, quando quisesse. Mas Lubos Michel não deu o penalti. Foi, mostrou o cartão amarelo para Rodríguez, acusando-o de ter simulado a falta. Além de medroso, hipócrita, resultado, minha vida não mudou, minha opinião sobre a humanidade piorou e a Alemanha vai para as semifinais.



Claro que torci pela Argentina. Há momentos na vida em que o impossível se impõe. Seria muito melhor enfrentar a Argentina em campo neutro na final do que uma Alemanha com a fraqueza de todo o país argentino nos nossos ouvidos. Mas o técnico argentino não colaborou, tirou o riquelme por alguma misteriosa razão quando o nosso time mais precisava dele, e batedores de penalti incompetentes se encarregaram de completar o trabalho iniciado por Lubos Michel.

Italianos e ucranianos destruíram nossa esperança de que o futebol fosse melhor nas quartas-de-final. Porou. Itália e Ucrânia só serviu para confirmar que o italiano Fabio Cannavaro é o melhor zagueiro da Copa, junto com o Juan. Agora a Alemanha pega a Itália e nós pegamos o vencedor de Inglaterra e Portugal. Falta o detalhe de derrotar a França, certo. O futebol é um jogo de detalhes. Mas acho que dá.

29

VERISSIMO DE FRANKFURT



'Pour la legende'

Agora não é a hora para explicações. Parreira caiu, elegantemente, com suas convicções intactas. Por que as legendas brasileiras falharam e os candidatos a legenda não justificaram seu postulado são mistérios para elucidação futura.
A hora é de honrar Zidane

Havia uma fábula no meio da torcida francesa, antes: Zidane — 'Pour la legende'. Zidane deve ter lido antes do jogo.

Os dois times eram parecidos. Os dois tinham grandes jogadores considerados velhos demais para ainda estarem na seleção, jogadores frustrando quem esperava mais deles e atuações opacas de quem prometia ser brilhante. No país de cada um, havia críticos questionando os times e um público ainda não totalmente convencido com seus resultados nesta Copa, apesar dos dois estarem se enfrentando numa quarta-de-final. Mas ao fim ou tentando se clar e precisando jogar por dias. As legendas brasileiras não justificaram sua fama ou suas

pretensões. A maior legenda do time francês deu uma aula de futebol.

Havia outras diferenças entre os dois times. Em primeiro e óbvio lugar, a história. O Brasil cinco vezes campeão do mundo e seis vezes finalista, a França só uma. Brasil o país do futebol vencedor, França o país do futebol vistoso mas perdedor. Como os times se pareciam em outros aspectos, o peso relativo da história de cada um talvez fosse decisivo. Um lado com o peso do seu sucesso histórico, sendo que ser sempre igual ao seu passado. Outro com o peso das suas frustrações históricas, sendo que sempre igual ao seu presente pessoal. Se sua legenda, na hora do seu acesso como jogador, estava precisando de uma sobrevida, consagrada, ela foi assegurada ontem. A legenda ficou maior do que antes.

Agora não é a hora para explicações. Parreira caiu, elegantemente, com suas convicções intactas. Por que as legendas brasileiras falharam e os candidatos a legenda não justificaram seu postulado são mistérios para elucidação futura. A hora é de honrar Zidane.

30

Previendo o jacaré

A verdade é que o Brasil começou a perder esta Copa quando ganhou a Copa das Confederações. Aquela vitória nos deu — o "nos" aí inclui eu, você, o time e o Parreira — tamanha confiança que nenhuma mudança parecia necessária. Ninguém se deu conta de que aqui o filme seria outro

VERÍSSIMO

DE FRANKFURT



Os da minha geração sabem que o melhor Tarzan de todos os tempos, no cinema, foi Johnny Weissmuller. Desde o primeiro filme da série, nos anos vinte, até o último, nos anos sessenta, vários atores, mas nenhum interpretaram o personagem, mas nenhum igualou a Weissmuller. Só havia um problema: Como ele se tornara conhecido e ganhou o papel porque era um campeão de natação, todos os filmes de Tarzan tinham que ter pelo menos uma cena em que ele mergulhava no rio para dar umas braçadas. E todos da minha geração sabiam o que aconteceria em seguida. Era Tarzan cair na água e a gente pensava: lá vem o jacaré. Pois, para que a cena não fosse apenas uma gratuita exibição de Weissmuller mostrando o que sabia fazer melhor, era preciso lhe dar densidade dramática. O que significava que todos os filmes tinham que ter uma cena em que Tarzan lutava de Tarzan com um jacaré.

Pensando na insistência do Parreira com o Ronaldo me lembrei do Johnny Weissmuller. Escalar o Ronaldo equivalia a escalar o célebre nadador como Tarzan. Ninguém melhor para o papel. Mas algumas exigências do



script se tornavam inevitáveis. Era preciso prever cenas na água e, prevenido a água, prever o jacaré. E ficou parecendo que, fora pedir nos arranjos pelo meio do Ronaldo nos arranjos, não se preocuparam, e mais ainda não se preocuparam com a preparação de um script adequado para o Ronaldo. As cruzadas da linha de fundo não vieram porque os laterais veteranos quase nunca chegaram lá. Resultado: Ronaldo ficou parecendo um

Weissmuller fora d'água. Nem nadou nem matou jacaré. Script errado.

A verdade é que o Brasil começou a perder esta Copa quando ganhou a Copa das Confederações. Aquela vitória nos deu — o "nos" aí inclui eu, você, o time e o Parreira — tamanha confiança que nenhuma mudança parecia necessária. Ninguém se deu conta de que aqui o filme seria outro.

31

VERÍSSIMO

DE MUNIQUE



O mistério do interregno

As investigações devem se concentrar no interregno. O que aconteceu, aconteceu no interregno. Foi no interregno que os brilhantes perderam o brilho e o quadrado perdeu a mágica. A

derrota na Copa nasceu e se criou no interregno — é preciso agora destriçar o seu DNA

Agora começa a fase forense. A fase em que se examinam os vestígios do desastre atrás da sua causa, se penetram as cinzas tentando identificar a origem do incêndio, se buscam impressões digitais e pistas que incriminem um culpado. Então, se procura uma explicação e se prepara um julgamento.

Se fosse uma história policial, um bom título seria "O mistério do interregno". Pois o que está exigindo investigação, acima de qualquer dúvida, é o interregno, o que aconteceu no período entre a vitória brasileira na Copa das Confederações e a derrota brasileira na Copa do Mundo. Entre o evento que criou todas as expectativas de um sucesso brasileiro na Copa, e o evento que frustrou estas expectativas, e deprimiu uma nação inteira. O que foi que aconteceu?

Os times de um evento e do outro eram mais ou menos os mesmos. Ninguém envelheceu mais do que os poucos meses que se passaram entre um torneio e outro. Ninguém teve problemas físicos ou psicológicos, que se saiba, que justificassem a mudança entre o que jogaram então e jogaram agora. O técnico e a comissão



técnica eram os mesmos. Não há notícia de nenhuma reversão do pólo magnético da Terra no período, e não poderia explicar o desaparecimento do fluído de uma hora para outra. O que foi então?

As investigações devem se concentrar no interregno. O que aconteceu, aconteceu no interregno. Foi no interregno que os brilhantes perderam o brilho e o quadrado perdeu a mágica. A derrota na Copa nasceu e se criou no interregno — é preciso agora destriçar o seu DNA.

O interregno, de certa forma, alivia o

Parreira. Depois do que jogou na Copa das Confederações, ele seria honro de mudar o time? Como ele iria administrar com o time no interregno? Não se sabe. Mas, como o mistério se Para Times e outros, os estranhos fatos pelo interregno e mudam o time, por que voltou atrás depois da vitória sobre o Japão e escolheu o time amaldiçoado pelo interregno? Talvez o interregno o tenha amaldiçoado também.

Investiguesse o interregno. A profeta, parreira já é intrincada e leia, sugerindo coisas subterráneas e obscuras. A solução do mistério está no interregno.

32

Mãos na cabeça

Ontem, Del Piero deu um exemplo escandaloso de chute torto. Com o gol aberto na sua frente, acertou um fôlego. Pouco depois, seu chute excepcional, no segundo gol italiano, aquele que fez a volta no goleiro e entrou no canto, foi a exceção mais memorável, até agora, à síndrome das mãos na cabeça

VERÍSSIMO DE MUNIQUE

Dos chutes perfeitos liquidaram a Alemanha, mas numa Copa de chutes ruins, não deixei de ser uma honra.

Foi a Copa das mãos na cabeça. O gesto que mais se viu em campo aqui na Alemanha foi o de jogadores levando as mãos à cabeça. O que o futebolista tem os seus próprios erros. O gol é jogado em cima da linha que, em vez de entrar, ia dar na lateralinha do córner.

Havia algo de falso dramático no gesto. Algo de operático. Significava que o erro era tamanho, e tão incognito, que nada, menos do que o descolamento simbólico daria uma ideia da dimensão da tragédia. Nada menos do que mãos de opera clamando ao céu contra o destino. E no entanto nada foi mais correto, nada foi mais comum nessa Copa do que o chute errado.

Diz o leitor mais tolerante que o chute errado faz parte do futebol. Que sempre se viu mais chute errado do que certo. Que não é fácil direcionar uma bola com violência com o pé, logo o pé, esse instrumento tão rasteiro e



para ser mesmo a Copa do mau futebol.

Não vamos falar dos penaltis mal batidos porque penalti não é futebol. Não é nem um esporte. É um teste de nervos e caráter com bola.

Ontem, Del Piero deu um exemplo escandaloso de chute torto. Com o gol aberto na sua frente, acertou um fôlego. Pouco depois, seu chute excepcional, no segundo gol italiano, aquele que fez a volta no goleiro e entrou no canto, foi a exceção mais memorável, até agora, à síndrome das mãos na cabeça.

33

VERÍSSIMO

DE MUNIQUE



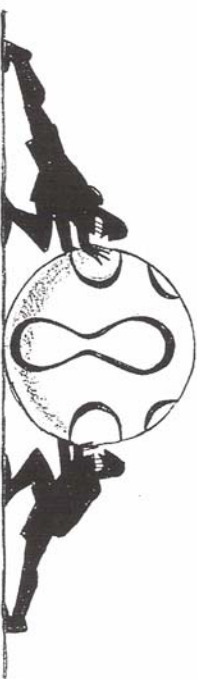
Mais europeia impossível

Mas a tese de que era para a Alemanha vencer só tem sentido acoplada à outra: a de que era para a Alemanha ganhar mas se esqueceram de avisar à Itália

França e Itália. Final mais europeia impossível. A Alemanha ainda está se reintegrando na Europa. Portugal ainda não se integrou completamente. Sobrou a "velha Europa", como a chamava o Secretário de Defesa americano Donald Rumsfeld. A Europa profunda. Só para enlatizar a ausência de latino-americanos na festa.

O banco português estava irritado com o técnico francês. Domenech, por alguma razão. O Felipe só faltou ir lá. lhe dar uma botacha. A verdade é que a França foi exasperante. Fez o estranhamente necessário para ganhar, depois só segrou Portugal fora da sua área. Zidane desta vez não foi brilhante mas foi a sua simplicidade, e a precisão e a economia do seu futebol, que ditaram o estilo do time. Entende-se a irritação portuguesa.

O grau de neurose de cada época se mede pela disposição das pessoas a acreditar em bruxarias e desígnios ocultos. Coisas como vorecem especulações metafísicas, explicações esotéricas, falsos profetas — e teorias conspiratórias. A perda da fé também leva as pessoas a perseguir causas secretas para tudo.



Segundo G.K. Chesterton (escritor e jornalista inglês, ultracristão), quem deixa de acreditar em Deus não passa a acreditar em nada, passa a acreditar em qualquer coisa. Se Chesterton escrevesse sobre futebol diria que quem se deslata com o seu time, em vez de não acreditar mais, nele passa a acreditar em qualquer hipótese, racional ou não, para a sua queda. Uma teoria conspiratória muito ouvina nesta Copa, por exemplo, era que estava tudo armado para a Alemanha ser campeã, o que explicaria o fracasso de outros favoritos.

Mas também tem aquele outro adágio: se todos à sua volta parecerem ter perdido a razão e só você mantém a cabeça no lugar, talvez você seja o único que ainda não se deu conta da

gravidade da situação. O escândalo no juiz que arranjava resultados no Campeonato Brasileiro do ano passado (aquele que roubaram do Internacional) e o atual escândalo dos resultados combinados na Itália tornam verossímeis todas as teorias sobre a influência de desígnios ocultos nesta Copa. Mas a tese de que era para a Alemanha vencer só tem sentido acoplada à outra: a de que era para a Alemanha ganhar mas se esqueceram de avisar à Itália.

O jogo Alemanha e Itália serviu para confirmar uma coisa: o zagueiro italiano Cannavaro é o melhor jogador da Copa.

E, agora, para Berlim! Para Berlim!

34

O cabelo do Beckham

Saber perder não significa apenas cumprimentar elegantemente o adversário vencedor. Significa também participar deste teatro de contição e solidariedade. A torcida brasileira, apalermada pela derrota, não teve nem essa concessão do seu time

VERISSIMO

DE BERLIM



Portugal, Portugal, Portugal. A torcida portuguesa não parou de gritar no fim do jogo. Aplaudiu seu time derrotado, que foi saudado e agradecer o apito. O time alemão também fez, não uma volta olímpica, mas uma caminhada cumprida pelo campo depois da sua derrota. Para agradecer ao público, que o ovacionou. Nos jornais, depois, apareceram a foto do Ballack com lágrimas nos olhos, durante a volta melancólica. Saber perder não significa apenas cumprimentar elegantemente o adversário vencedor. Significa também participar deste teatro de contição e solidariedade. A torcida brasileira, apalermada pela derrota, não teve nem essa concessão do seu time. Não sei se são verdadeiras as histórias da insensibilidade de alguns jogadores com a eliminação. É claro que a maioria sentiu. Mas ficou faltando o gesto, na hora. O reconhecimento, a comunhão com a torcida, o consolo mútuo. Lágrimas eram opcionais, mas o Brasil que não soube ganhar também não soube perder.

Contam que depois de um vexame do David Beckham num jogo da Copa de 1998 sua mulher Victoria teria ligado para seu celular e dito algo como "Antime-se, baby. Seu cabelo estava ótimo." Uma frase exemplar e cheia de sentidos. Significa que futebol é apenas futebol e que nada é tão

trágico que não tenha suas compensações. Significa que ninguém deve se abater com um tropeço passageiro porque a vida continua e pode ser bela, ainda mais se você tem o cabelo do David Beckham. Mas pressupondo uma dose de cinismo no comentário da Victoria, que era uma das Spice Girls, ou garotas apimentadas, nos seus tempos de artista, a frase era para lembrar o marido das suas prioridades: tudo pela Inglaterra, certo, mas acima de tudo a sua imagem. A seleção não era tão importante quanto o corte do seu cabelo. Uma crítica que se faz a alguns jogadores brasileiros é que estariam mais preocupados com suas imagens pessoais do que com o sucesso do grupo. Cada um teria o seu cabelo do Beckham para cuidar. Não sei.

Minha seleção da Copa? Seria estranha. Para começar, não teria goleiro. Três zagueiros: Lúcio, Juan e o italiano Cannavaro, certamente o craque da Copa. Sorin numa lateral e na outra também, para equilibrar. Zidane, Patrick Vieira, Riquelme e Ballack no meio. Cristiano Ronaldo, Klöse e Podolski, que é bom mas não tão bom quanto pensam os alemães, na frente.

Lembra quando a gente dizia que o Brasil tinha um grande time mas uma defesa fraca? Finalmente temos uma boa dupla de área — e o resto do time desapareceu!

35

VERÍSSIMO

DE BERLIM

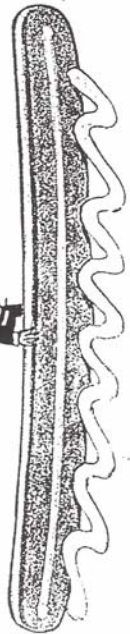


'Wurstphobia'

Nem a língua atrapalhou muito. A pergunta "Speak English?" era quase sempre respondida com "A little bit" e mesmo este pouquinho, com boa vontade, servia para o entendimento, a ajuda e a fraternidade. O que compensou tudo. Menos a derrota do Brasil, claro

Deve haver uma longa palavra em alemão que signifique "farto de sal-sicha". "Wurstleidigen" qualquer coisa. Ou, pensando bem, não, pois os alemães parecem nunca se cansar de comer a sal-sicha em suas várias formas e comprimentos. Já o estrangeiro que chega disposto a se deliciar com esta especialidade da terra, se delicia — mas no máximo por três semanas. Estamos na nossa quinta semana aqui, o bastante para desenvolver uma poderosa "wurstphobia". Culpa não dos alemães ou das suas sal-sichas mas da nossa falta de hábito e da nossa rotina de trabalho, que seguidamente nos obrigava a recorrer à comida mais próxima e mais rápida — quase sempre "wurst mit Kartoffelsalat". Eu, pessoalmente, devo ter comido um quilômetro de sal-sicha desde que cheguei aqui. Não posso conceber uma vida inteira fazendo isso.

E no entanto a "wurstmania" alemã tem até suas regras e seus rituais. A "weisswurst", ou sal-sicha branca de Munique, por exemplo, só deve ser comida entre as onze horas e o meio-dia, acompanhada de uma "weissbier", cerveja feita de trigo, num copo da altura de certos jogadores mexicanos. O hábito não parece afetar a produtividade da população.



ANASTO

a se julgar pelo progresso da região. Já minhas experiências com a interminável sal-sicha e a volumosa cerveja resultaram em secas extemporâneas seguidas de uma burrice densa, densa como a cerveja de trigo. Não sei se deu para notar pelo texto.

Na verdade, tive algumas frustrações gastronômicas equivalentes à frustração com os três limes pelos quais torci nesta Copa. Brasil, Argentina e Portugal. Vin doído para comer "forelle blanc", a truta inteira preparada no dabo que é uma das delicadezas da cozinha alemã. Não sei por que, as trutas dos rios alemães são melhores do que as outras, ou então a maneira de preparar é superior.

Mas independentemente do excesso de sal-sicha e da falta de truta, todos foram extremamente amáveis. Nem a língua atrapalhou muito. A pergunta "Speak English?" era quase sempre respondida com "A little bit" e mesmo este pouquinho, com boa vontade, servia para o entendimento, a ajuda e a fraternidade. O que compensou tudo. Menos a derrota do Brasil, claro.

36

VERISSIMO

DE BERLIM



Razões

Como é chato ser só um espectador na festa dos outros. Eu tinha razões práticas para torcer para que a Argentina eliminasse a Alemanha. Tinha razões sentimentais para querer que Portugal chegasse às finais. Mas, entre França e Alemanha, minha coração não balançou. Meu coração já foi pra casa.

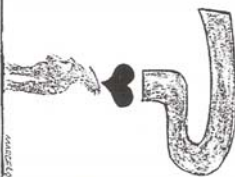
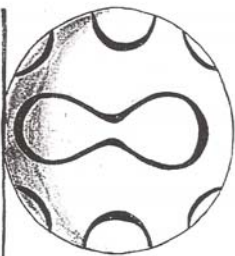
No fim, acho que vou torcer por jogadores, não pelos seus times. Foi uma Copa sem estrelas. Esperemos

que no último jogo seja consagrado o herói que está faltando. Tanto pode ser o Zidane quanto o Cannavaro. Será uma forma de neutralidade. Mas como é chato ser neutro

Futebol por futebol, os dois merecem. Ou nenhum dos dois merece. Haveria uma razão, digamos, hierárquica, para querer ver o Zidane terminar sua carreira no campo do mundo. Para completar a lenda. Mas simpatia por simpatia, a briguenta Itália tem mais do que a Fra França.

Razões históricas nos levaram a torcer pela França, que só tem uma Copa do Mundo. A Itália tem três. Com mais uma se aproximaria do pentá do Brasil. Para quem ainda tem ânimo para torcer pelo Brasil não resta a menor dúvida: a França é o Brasil neste jogo.

Razões mais históricas ainda? Nesta final ultraeuropeia enfrentam-se os dois países



responsáveis pelas maiores conquistas da civilização da Europa. A Itália da Renascença, a França do iluminismo. A Itália de da Vinci, Michelangelo e etc., a França de Diderot, Voltaire e etc. Razões para torcer por um campeão e deixar a decisão para os pe-nalis, que não tem nada a ver com futebol e ainda menos com a razão.

Razões dos bons sentimentos e da moral. A discutida seleção multirracial francesa representa uma vitória sobre o ra-

cismo e a xenofobia, a da Itália representa um futebol carcomido pela corrupção. Vantagem para a França nos dois quesitos.

No fim, acho que vou torcer por jogadores, não pelos seus times. Foi uma Copa sem estrelas. Esperemos que no último jogo seja consagrado o herói que está faltando. Tanto pode ser o Zidane quanto o Cannavaro. Será uma forma de neutralidade. Mas como é chato ser neutro.